

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

TRANSFORMAÇÕES URBANAS DO FIM DO SÉCULO XIX À PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX EM CAMPINA GRANDE-PB

João Paulo França

IFPB – Instituto Federal da Paraíba

E-mail: joao.franca@ifpb.edu.br

Resumo: Conhecer e analisar historicamente as transformações urbanas que aconteceram em Campina Grande, Paraíba, no período compreendido entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX é o objetivo central desta pesquisa. Seguindo as análises que tem a cidade, ou o espaço urbano como tema de reflexão, procuramos construir nossa análise possível sobre o passado desta região. O recorte temporal pesquisado nos permite observar de forma panorâmica as modificações espaciais da cidade e as percepções dos moradores, que criavam sociabilidades e desenvolviam novas teias de relações com o universo urbano local. Ressalte-se o aumento no número de ruas, novas áreas construídas e reformas que foram empreendidas no centro de Campina Grande, que de certo modo acompanharam eventos importantes que se desenrolaram desde a chegada do trem à cidade em 1907, passando pela instalação de firmas e o *boom* algodoeiro das décadas posteriores, até a ocupação de subúrbios e criação de bairros periféricos, sempre com um discurso muito próximo do ufanismo por parte de memorialistas locais, que em seus escritos nos legaram um pouco das percepções de certa camada letrada e não economizaram em adjetivos positivos ao se referir às transformações urbanas e econômicas vivenciadas na localidade, em especial na décadas de 1930 e 1940. Procurando compreender estas influências e seguindo os passos de pesquisadores e autores que se debruçaram sobre as mudanças ocorridas na “rainha da Borborema”, procuramos compreender um pouco desta dinâmica, através de escritos jornalísticos, propagandas e até trechos de peças, que de certo modo apresentam os anseios de parte da população letrada local, mas que nem sempre refletem as contradições e disputas sociais e culturais que se desenvolvem no cotidiano da cidade. Por meio de fontes, tais como os jornais de época, memórias, propagandas e pesquisas bibliográficas, lançamos nosso olhar crítico para construirmos nossa narrativa e nos aproximamos um pouco das transformações no espaço urbano e das novas sociabilidades e apreensões simbólicas, por parte da população campinense que vivenciou o período histórico investigado.

Palavras-chave: Cidade - Rua - Campina Grande.

Introdução

Neste artigo procuramos apresentar parte das mudanças de Campina Grande, Paraíba, identificando as transformações do lugar que ainda contava com um aspecto

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

urbano irrisório no início do século XX¹. Através de memórias de autores campinenses, jornais da época e pesquisas bibliográficas, conheceremos um pouco do perímetro central da urbe, desde o momento que este era identificado como a “rua”, em contraposição ao “mato” (zona rural), até as ampliações urbanas locais de meados do século XX².

Inicialmente a “rua” nada mais era do que uma extensão da moradia do indivíduo, servindo como local de criação de animais e ponto de encontro em frente das casas para conversas nas horas de sociabilidade (BRESCIANI, 1998, p. 237-258). De certo modo, quando se caminha pelas pequenas cidades do interior do país, ou mesmo nos subúrbios das metrópoles, pode-se perceber mais claramente o momento em que um caminho ou vereda passa a ter elementos que lembram uma rua. Obviamente esta não existe desde sempre, foi construída em um determinado momento. É um espaço feito a princípio por indivíduos que sentem a necessidade de viverem próximos, seja para defender-se mutuamente ou mesmo para escoar a produção de mercadorias. Perceptível é que o homem passa a ocupar cada vez mais locais próximos, com isto, criando toda uma rede de sociabilidades, amizades, ou mesmo de intrigas, enfim, uma rede de vivências³.

Campina Grande não escapa a esta observação. Nas fontes encontramos os memorialistas se referindo a determinados espaços do que hoje conhecemos como “centro”, mas que no início do século XX não passavam de uma incipiente trilha por entre matagais. Até 1926 o “mato” cobria toda a área até a Rua Índios Cariris (ao poente do centro). Esta era uma trilha para desviar as boiadas que vinham do Sertão, evitando passá-las pelo “meio” da cidade com destino à feira. Encarregado pelo prefeito Lafaiete Cavalcante, o Sr. Eurípedes Oliveira fez o “levantamento topográfico” e cuidou para que fosse limpo o “mato” e construídas as primeiras casas de “telha e bica”. O prefeito nomeou de Rua engenheiro Francisco Brandão Cavalcanti Sobrinho. Após, Vergniaud

¹ A pesquisa em questão é parte dos resultados obtidos e apresentados no primeiro capítulo da dissertação do mestrado defendida pelo autor, que foi publicada no livro *A Cidade e as Ruas: Crônicas e memórias na Campina Grande da primeira metade do século XX* (FRANÇA, 2020).

² Para aprofundar esta discussão ver: AGRA, 2010, p. 53-122.

³ “Pode parecer estranho, mas as ruas tiveram de ser inventadas. A palavra para ela, *via strata*, só apareceu com os romanos – os primeiros a pavimentar o caminho com pedras. De *strata* derivou a palavra inglesa *street*. O caminho mais famoso, e um dos mais antigos, de 312 a. C. é a *Via Appia*, que ligava Roma a Cápuia e tinha mais de 200 Km. As primeiras ruas urbanas eram o que conhecemos hoje como vielas e servidões. (...) Foi em Paris que as antigas ruelas medievais deram lugar a avenidas largas no século XIX”. Informações constantes em: VERSIGNASI, 2012, p. 10.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Wanderley (1935-1938; 1940-1945) a renomeou de Rua Miguel Couto, mudando-se o nome mais uma vez no Estado Novo (1937-1945) para Avenida Getúlio Vargas⁴.

Percebemos que, ao passo que Campina Grande cresce territorialmente, mudam os hábitos e os reclames dos moradores. Se em 1909 o Jornal *O Campina Grande* destacava que uma criança de 10 anos teria sido “alvejada pelas patas de um cavalo que a estupidez destes matutos faz colocar até mesmo acima das calçadas”, encontramos em 1932 o Jornal *O Rebate* tratando de um “lamentável desastre” na Rua João Pessoa, onde um caminhão em “velocidade extraordinária” bateu em um “pobre rapaz, deixando-o semimorto, banhado em sangue”⁵. Neste exemplo vemos as transformações de uma Campina “matuta” para uma cidade que passa a enfrentar a expulsão dos transeuntes das ruas, dando lugar às “carreiras” dos automóveis.

Feitas estas observações iniciais acerca das mudanças nos reclames da população ao longo do tempo, passemos a analisar certos espaços centrais de Campina Grande, Paraíba, que de certo modo evidenciam as transformações da urbe no período analisado.

1- Campina Grande: das origens ao início do século XX

O povoamento inicial de Campina Grande remonta ao século XVII quando, segundo Epaminondas Câmara, em 1697 foram aldeados índios Ariús no sítio das Barrocas, sendo construídos casebres de taipa e telha, formando um arruado onde começou a feira de produtos trazidos do Brejo e do Sertão. Quando da elevação do povoado em 1790 a categoria de Vila, foi este sítio inicial nomeado pelos transeuntes de “Rua das Barrocas”, a “primeira rua”, que atualmente leva o nome de Vila Nova da Rainha. Moradias no mesmo estilo também foram edificadas no alto da colina, ao noroeste da Rua das Barrocas, começando então o “largo da Igreja”, (hoje parte da Av. Marechal Floriano Peixoto) e casas no “Oitão da igreja”, (hoje rua lateral denominada Bento Viana)⁶. Era a fase em que trilhas e caminhos iam tomando contornos de rua.

⁴ Informações mencionadas pelo articulista Severino Machado, em entrevista com o professor Eurípedes Oliveira. Ver: Jornal *Diário da Borborema*, 02/10/1983, p. 7.

⁵ Ver *O Campina Grande*, Ano II, nº 33, em 06/06/1909, p. 4 e *O Rebate*, ano I, nº10, em 03/12/1932, p. 1.

⁶ Ver CÂMARA, 1998, p. 22-23.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esta imagem do aldeamento inicial se transformou de maneira lenta até o século XIX. Segundo as descrições de Epaminondas Câmara, em 1864, ano que a Vila foi elevada à condição de cidade, Campina Grande possuía apenas 08 (oito) becos e quatro ruas: do “Seridó” (atual Maciel Pinheiro), das “Barrocas” (atual Vila Nova da Rainha), do “Meio” (atual Afonso Campos) e “Oitão da Matriz” (atual Bento Viana). Haviam quatro Largos: do Comércio Novo, do Comércio Velho, do Rosário e da Matriz⁷. Como construções se destacavam as duas igrejas católicas (Matriz de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário); um Cemitério (nas Boninas); a Casa da Câmara e uma Cadeia, além dos dois Açudes (Velho e Novo).

É observável que mesmo depois de um século de ocupação da área, a vila pouco prosperou. Neste nosso passeio panorâmico pelas memórias de Epaminondas Câmara o leitor é convidado a caminhar pelas pouco mais de quatro ruas existentes no período e se encontrar com os cerca de 1800 habitantes, distribuídos em aproximadamente 300 casas. Observemos o relato sobre o aspecto da Cidade:

Em 1864, as casas na maioria, tinham tetos baixos, em tacaniça e beira e bica; portas e janelas largas cortadas horizontalmente em semicírculo; paredes de tijolo de grandes dimensões; terças e cumeeira de madeira grossa apoiadas sobre esteios embutidos nas paredes; alicerces de barro e tijolo ponta crua etc. Ainda não havia gelosias e as portas e janelas, de madeira aplainada, eram pintadas bizarramente. Bizarra também a pintura das fachadas. De pedra comum, ou de laje mal polida, as calçadas. Algumas de tijolo de adobe, em cujas orlas as águas abriam largos sulcos, que a Câmara displicentemente não mandava reparar. Tais sulcos, às vezes, se tornavam tão profundos que o povo, para atravessá-los, se servia de vigas de madeira, à guisa de pontes. No leito lamacento e cheio de lixo, os porcos disputavam os melhores lugares.

A erosão abria regos sinuosos também em qualquer parte das ruas, especialmente nos pontos de maior declive. O matagal cobria tudo, deixando veredas aqui e acolá. A lama, na época invernososa atingia meio palmo de espessura e ficava cada vez mais encharcada com o movimento de animais e pedestres. O Gado devorava as folhas de mato(...) ⁸.

Esta longa transcrição que fazemos é bastante significativa no sentido de apresentar a visão, que certamente o autor conseguiu captar a partir dos relatos de seu convívio social. Apesar de nascido em 1900 e residente em Campina Grande a partir de 1920, Epaminondas Câmara é um “curioso” habitante local que busca pôr no papel todas as impressões dos munícipes acerca da cidade. O livro *Os alicerces de Campina Grande*

⁷ Etimologicamente a palavra “Largo” vem do Latim “Largus”, “o que existe em abundância, copioso” e se refere às dimensões do lugar. Informações constatadas IN: www.origemdapalavra.com.br, acesso em 05/04/2021.

⁸ CÂMARA, 2006, p. 86-87.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

escrito nos anos 1940 não deixa de ser uma busca por mostrar a origem daquela cidade que rapidamente está se desterritorializando com as mudanças físicas urbanas e econômicas do *boom* algodoeiro das décadas de 1930-1940.

Voltando a imagem que Epaminondas Câmara nos legou acerca do fim do século XIX, podemos observar que no cotidiano da semana as ruas de Campina Grande eram mais movimentadas por animais do que transeuntes, com exceção da quarta-feira, dia da feira de gado; do sábado, dia da feira de cereais, além do domingo, quando “os beradeiros acotovelavam-se nas calçadas do Largo da Matriz e da Rua do Seridó, para fazerem compras e, depois, assistirem à missa das nove horas”⁹. Esta paisagem pouco mudaria nos anos iniciais do século XX. O novo período não trouxe alteração significativa no dia a dia dos moradores da cidade. Por isto, os reclames dos homens de letras e camadas sociais abastadas para que Campina contasse com um meio de locomoção moderno que ligaria a “cidade ao mundo”. Já não bastava o transporte nos lombos de animais, das “tropas de burros”, que historicamente deram fama à cidade. Era necessário um meio de condução de pessoas e mercadorias mais ágil e eficiente. Daí os reclames para que a estrada de ferro chegasse até Campina Grande. Esta conquista só viria após sete anos do novo século.

Compreendendo que o ano de 1907 foi marcante para a cidade, observemos a urbe neste ano da chegada do trem de ferro, que de certo modo auxiliou na mudança de hábitos e no estilo de vida dos moradores da “Rainha da Borborema”. Segundo as descrições de Epaminondas Câmara, a cidade contava, em 1907, com cerca de 731 casas e apenas oito ruas: Barrocas; do Meio; do Oitão da Igreja; Grande do Seridó; dos Armazéns (atual Marques do Herval); da Cadeia (atual Praça Clementino Procópio); Beco do Açougue (atual Monsenhor Sales) e Rua Irineu Jófilly.

Reverendo a ocupação territorial de Campina Grande, percebemos que em fins do século XIX e início do século XX, se tratava de um lugar com poucas alterações. Como nos diz Epaminondas Câmara, entre 1864 (ano que foi elevada à categoria de cidade) e 1907 (ano da chegada do trem), a urbe pouco se modificou. Desta forma, o autor nos apresenta pistas do aspecto da cidade e das ruas nesse período:

A não ser o aumento de casas e alguns prédios construídos com finalidade especial – Cadeia Nova, Casa de Caridade, Grêmio de Instrução, Paço

⁹ CÂMARA, 2006, p. 87.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Municipal, etc. a cidade apresentava pequena diferença em 1907 comparada com 1864. As mesmas igrejas embora remodeladas, as mesmas casas de mercado, os mesmos açudes, os mesmos comboios de almocreves, o mesmo movimento de boiadas, o mesmo *'modus vivendi'*, a mesma rotina, os mesmos costumes ¹⁰.

Encontramos neste período uma Campina Grande pacata, contudo, sua tranquilidade era quebrada com as desavenças políticas e brigas, principalmente, em dias de feiras. Vale ressaltar o vai e vem do ambiente da feira do município, que ora era no largo do Mercado Velho, ora no Mercado Novo. Uma disputa política que dependia das tendências governamentais nacionais e estaduais, mas que desemborcava em brigas e confrontos de capangas dos coronéis locais, acabando muitas vezes a feira mais cedo¹¹.

No início de século XX, o comércio local passava por dificuldades devido ao crescimento de outros entrepostos comerciais, como as feiras mais dinâmicas de Itabaiana, Guarabira e Areia. Uma forma de contornar a situação foi a construção da estrada de ferro que ligou Itabaiana à Campina Grande. Esta obra foi autorizada pelo Decreto Federal nº 5.237 de 26 de julho de 1904. A inauguração que aconteceu em 02 de outubro de 1907 foi de grande significado para a cidade. Certamente, os reclames dos homens de letras e do comércio, além das autoridades locais começaram bem antes, ainda no século XIX. Em 1870, Irineu Jóffily já defendia a existência de uma linha de Cabedelo à Campina Grande, que ficou apenas no plano das ideias. De forma prática, o chefe político campinense, Cristiano Lauritzen fez viagens ao Rio de Janeiro, como as de 1894 e 1903, no sentido de reivindicar tal melhoramento para a “Rainha da Borborema” ¹².

A restrita população campinense que percorria as oito ruas e quatro largos da cidade em 1907, ano da chegada do trem de ferro, viu a partir daquele ano a urbe passar por mudanças expressivas, como veremos no tópico a seguir.

2- Transformações na Campina Grande pós advento da chegada do trem

¹⁰ CÂMARA, 1998, p. 50.

¹¹ Tais mudanças dos locais das feiras tinham como “raízes” as disputas políticas entre os liberais e os conservadores. “Cada mudança da feira constituía motivo para exacerbações políticas. Os conservadores faziam questão fechada de manter a feira e o comércio na Rua Seridó, ao passo que os liberais insistiam por mantê-los nas imediações do ‘Comércio Velho’”. IN: CÂMARA, 1998, p. 60.

¹² MELO, 2007, p. 17-30.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Neste momento utilizamos como recorte temporal o período após a chegada do trem à cidade e vamos até o ano que começaram as mudanças significativas na estrutura arquitetônica do Centro. Como parâmetro para uma melhor compreensão, a partir das descrições de Epaminondas Câmara, construímos a tabela abaixo com o número de casas da cidade no período de 1906, um ano antes da chegada do trem, até 1935, ano de nosso recorte temporal neste tópico. Podemos observar como o autor media o progresso local a partir do aumento de suas construções. Analisemos os números:

Tabela 1- Quantidade de Casas em Campina Grande – 1906-1935.

Ano	Número de Casas	Ano	Número de Casas	Ano	Número de Casas
1906	600	1916	1.483	1926	3.456
1907	731	1917	1.619	1927	3.923
1908	733	1918	1.841	1928	4.259
1909	820	1919	1.938	1929	4.566
1910	881	1920	2.012	1930	4.781
1911	976	1921	2.099	1931	4.873
1912	1.102	1922	2.171	1932	5.257
1913	1.216	1923	2.227	1933	5.431
1914	1.254	1924	2.486	1934	5.933
1915	1.297	1925	2.981	1935	5.987

Fonte: Adaptado a partir de CÂMARA, 1998.

A partir da tabela, e não necessariamente tomando os números mencionados por CÂMARA (1988) como “verdadeiros” e “absolutos”, podemos ter uma ideia do progresso material que a cidade vivenciou no período estudado. Se em 1864 a urbe não contava com mais que “trezentas casas, três largos e quatro ruas”, podemos perceber que no século XX a cidade tem um crescimento material mais acentuado. De cerca de 600 residências, em 1906, aumentou quase 1.000%, para 5.987 casas em 1935.

É perceptível que, após a chegada do trem, Campina Grande toma novos rumos. Surgem “colégios, cinemas, clubes dançantes, armazéns de mercadorias em trânsito, de estivas por atacado e de algodão em pluma”¹³. Todavia, os transportes durante as décadas de 1910 e parte de 1920 ainda eram feitos por carroças de bois. Os veículos só viriam a fazer parte do dia a dia das ruas a partir de 1918, chegando em 1930 a ter 217 automóveis e caminhões que circulavam pelas mais de 40 artérias existentes naquele ano.

¹³ CÂMARA, 1998, p. 89.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No fim da década 1910, CÂMARA (1998) nos informa que a cidade tinha cerca de 11.000 moradores, um bom contingente populacional, comparado com os períodos anteriores e, estas pessoas, estavam distribuídas em cerca de 1.800 casas, com apenas 05 sobrados – todos de dois pavimentos – sendo dois na Praça Epitácio Pessoa, um na Rua Marquês do Herval, um na Rua Maciel Pinheiro e um no Largo da Matriz. A população se encontrava espalhada por 31 ruas, 05 travessas, 06 praças e os 04 largos que já existiam desde o início do século.

Esta área ocupada se modificaria bastante ao longo das décadas seguintes. O núcleo populacional estava aumentando e com ele os reclames dos cronistas de época, quanto ao aspecto da urbe. Entretanto, é interessante analisar como o progresso material da cidade encantava os homens da elite, principalmente, os homens das letras, a exemplo de Epaminondas Câmara. Como observamos na Tabela 1, este autor pesquisou meticulosamente o número de casas da cidade a cada ano, como faz questão de enfatizar no dia 07 de setembro de 1922, data do centenário da independência do Brasil. “Acordando” cedo para fazer sua contagem, ele constatou que a cidade tinha a quantia de 2.171 casas, sendo 05 sobrados e 615 casas de taipa. Ao nos aproximarmos dos fins dos anos 1920, encontramos uma Campina Grande bem diferente daquela que percebemos na chegada do século XX. Como nos mostra o historiador Josemir Camilo:

A década de 1920 foi fértil para a cidade, pois surgiu a fábrica de camas de ferro, de Santos Guimarães e Companhia, e de lavatórios “Floriano”, com patente federal pelo invento. No início da década, inaugurou-se a luz elétrica, pela empresa J. Brito e Cia. Talvez isto tenha atraído mais capitais de fora, como em 1923, com a implantação da prensa hidráulica de Sion e Cia, que passou à firma Liberato e Affonso; e mais adiante de Herculano Galvão. Apareceu também a prensa de Leitão e Cia. que, depois passou para J. T. de Moura e Cia; e, mais adiante ainda, para Demosthenes Barbosa e Cia. E, finalmente, para M. de Barros e Cia.

Entre 1923 e 1930 seriam inauguradas a grande Fábrica de Sabão a Vapor, a Pernambucana, da firma Marques de Almeida e Companhia, bem como sua têxtil, no Largo das Boninas. Por esta época, já se podia dizer que havia um surto de empreendimentos fabris, como a fábrica de redes e estopa, de Ulysses Silva; a Companhia de Beneficiamento e Prensagem de Algodão de Wharton Pedrosa S/A; a firma Lafayette & Lucena e a J.T. de Moura; o Curtume e Trituração de Angico, de J. Motta & Irmão; uma refinação de açúcar, de sal; uma fábrica de café; outra de bebidas, de Marques e Alazenha. Como prova de febre fabril, foi editado o Anuário de Campina Grande, por João Mendes. Em 1928, a cidade já contava com outra fábrica de fiação e estopa; a de Bodocongó, de Aires e Cia. que passou posteriormente a pertencer a S. A. Industria Têxtil (Bodocongó) de Campina Grande. Um ano depois era a vez da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

prensa hidráulica de José de Vasconcelos e Cia, no Açude Velho. Então a cidade ensaiou sua primeira linha de ônibus ¹⁴.

Esta citação é elucidativa no sentido de percebermos as mudanças econômicas e, por conseguinte, sociais, que as ruas de Campina Grande passaram a presenciar a partir da década de 1920 e o alvorecer da década de 1930. A cidade agora se desnuda através dos reclames de cronistas e das memórias construídas. Analisando o *Almanaque de Campina Grande para o ano de 1933*, de Euclides Villar¹⁵ e a obra de Josué Sylvestre¹⁶, podemos perceber a continuidade desta mudança.

Campina Grande em 1933 possuía uma longa lista de casas comerciais. São elencados, entre outros: 29 armazéns de compra de algodão, 20 armazéns com venda de cereais e estivas. Em relação ao comércio varejista, contava com 16 lojas de fazenda, 12 de miudezas e perfumarias, 12 padarias, 05 sapatarias, 05 farmácias, uma movelaria, 36 mercearias, 118 quitandas, 09 agências de automóveis, 06 bombas de gasolina, 09 hotéis, 11 pensões, 03 cafés, 27 barbearias, 11 bilhares, 12 alfaiatarias¹⁷.

Além destes estabelecimentos, haviam ainda 16 colégios, 04 prensas hidráulicas de algodão, 03 Lojas maçônicas, 03 Paróquias Católicas e 04 Igrejas Evangélicas. Em termos de automóveis, eram contabilizados 05 ônibus, 115 automóveis e 194 caminhões¹⁸. Passemos a palavra mais uma vez à Epaminondas Câmara e deixemos ele traçar seu panorama do final da década de 1920 e nascimento da década de 1930:

O comércio consolidou-se com o advento do automóvel. Os caminhões substituíram não somente as carroças de bois, mas também, as tropas de burros que, às centenas, entravam diariamente na cidade. Desenvolveu-se o mercado por atacado que, aos poucos foi se localizando na rua das Areias (...) Fundaram-se, na cidade, centros desportivos e dançantes. As retretas dominicais eram realizadas na Praça Eptácio Pessoa. Desapareceram as lapinhas, os pastoris, as fogueiras de São João, as derrubadas de gado, as cavahadas, os cavalos-marinhos, os bois de carga, a condução de cadáveres em redes, as brigas de espada (...) a vida religiosa intensificou-se. Com o aparecimento de núcleos espíritas e protestantes (...). A política partidária ainda era o prato preferido pela maioria da população (...). O carnaval transfigurou-se com o curso de automóveis (...)¹⁹.

¹⁴ MELO, 2007, p. 21-22.

¹⁵ VILLAR, 1932.

¹⁶ SYLVESTRE, 1993.

¹⁷ SYLVESTRE. Op. Cit. p. 32.

¹⁸ SYLVESTRE. Op. Cit. p. 33.

¹⁹ CÂMARA, 1998, p. 109-110.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nesta elucidativa passagem, Epaminondas Câmara, nos coloca a par das transformações do cotidiano das ruas de Campina Grande, desde a alteração do eixo comercial para a Rua das Areias (Dr. João Moura, hoje Rua João Pessoa), até mesmo as mudanças nos divertimentos da elite da cidade. Mais uma vez a Praça Epitácio é apresentada como ponto de encontro das camadas sociais mais altas para curtição de retretas dominicais²⁰. Nesta artéria já não coaduna mais as antigas pegadas de boi, onde euforicamente misturavam-se pobres e ricos nas décadas anteriores.

Os anos 1930 começaram com intensos debates eleitorais no Brasil, na Paraíba e, em Campina Grande não foi diferente. Não nos esqueçamos que João Pessoa, então presidente do Estado, se candidatara a vice-presidente pela Aliança Liberal na chapa encabeçada por Getúlio Vargas. Esta dupla foi derrotada nas urnas pelo candidato do Governo Federal, Júlio Prestes. Todavia, o assassinato de João Pessoa e o desenrolar dos fatos na capital tiveram repercussão em Campina Grande, desde a invasão do casarão do Dr. Agra situado na frente da Matriz até a confecção de uma estátua em homenagem ao Presidente morto que foi colocada na Praça do Algodão (rebatizada com o nome de Praça João Pessoa), situada na confluência da Rua Marquês do Herval e Rua Sete de Setembro com a Rua Dr. João Leite (que também mudaria de nome para homenagear João Pessoa).

Ao chegamos à década de 1930, observamos que os espaços das ruas de Campina Grande passam por intensas transformações, tanto de ordem arquitetônica, quanto de ordem simbólica, aspectos que presenciaremos no tópico seguinte.

3- Campina Grande nas décadas finais da primeira metade do século XX

Neste período do recorte temporal encontramos uma Campina Grande diferente daquela que analisamos nos anos finais do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX. As fontes nos mostram que a cidade já não possui “aquela inocência do mato”. “A rua” se consolida como ponto de morada e por quase toda a extensão urbana nuvens de poeiras das construções se misturavam aos detritos das indústrias de algodão. Para

²⁰ As retretas dominicais eram divertimentos onde parte da população se aglomerava em determinados ambientes públicos para escutar os acordes musicais das filarmônicas da cidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

compreender este processo de transformação da urbe, passemos mais uma vez a análise do número de casas construídas no período de 1936 a 1947 ²¹:

Tabela 2 – Quantidade de Casas em Campina Grande – 1936-1947

Ano	Número de Casas	Ano	Número de Casas
1936	6.121	1942	9.935
1937	7.069	1943	10.239
1938	8.141	1944	10.729
1939	8.426	1945	11.482
1940	8.838	1946	12.232
1941	9.173	1947	13.259

Fonte: Adaptado a partir de CÂMARA, 1998.

Este é um período que Epaminondas Câmara se rejubila. Ele aponta um aumento de 100% no número de casas em 11 anos (1936-1947). Em setembro de 1947 notifica na zona urbana cerca de 300 sobrados, sendo um de 05 pavimentos, o grande hotel, um de quatro pavimentos, a prefeitura, e, mais 20 de três pavimentos. É mencionada uma população de cerca de 70.000 pessoas, espalhadas numa extensão de aproximadamente “quatro quilômetros quadrados de edificação compacta, em forma de triângulo, de cujos lados partem, como compridas excrescências, bairros e ruas em todas as direções. Esta a razão por que ela tem sete quilômetros de nascente ao poente e cinco de norte a sul” ²².

A ocupação das áreas de subúrbios (à época), já vinha sendo incentivada desde o início dos anos 1930, como podemos perceber nas primeiras propagandas de jornais que aparecem anunciando grandes quantidades de lotes de terrenos à venda. No *Jornal de Campina* de 1932, já se lia em letras grandiosas: “V. Excia. já sabe o que é o Bairro da Prata?” e em seguida o leitor era convidado a conhecê-lo:

O Bairro da Prata, será muito em breve o primeiro e único local onde V. Excia. pode construir seu Bungalow, com clima salubérrimo para o seu repouso, com espaço bastante para as necessidades de sua residência, com todas as comodidades, enfim, que a moderna técnica de urbanismo requer para sistematização de habitações.

²¹ Explicar o rápido crescimento do núcleo urbano de Campina Grande por meio de um viés político e econômico não é o objeto central deste artigo. Contudo, é importante mencionar que nos anos 1940 a cidade passou pelo chamado *boom* da produção do algodão. A historiografia local atrelou a pujança do “ouro branco” com o desenvolvimento material da cidade. Ressaltamos, todavia, que este crescimento e a riqueza gerada acabaram por se concentrar nas mãos de indústrias locais e empresas exportadoras multinacionais, não sendo democratizada tal riqueza com os trabalhadores residentes nos “arrabaldes” do núcleo central urbano. Para compreender este viés econômico e político ver: MELLO, 2002 e SYLVESTRE, 1993.

²² CÂMARA, 1998, p. 155.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O Dr. Nestor de Figueiredo, grande urbanista brasileiro visitando aquele magnífico bairro da nossa urbs, afirmou que na Prata, Campina teria de localizar num futuro próximo as suas melhores vivendas.

Pois bem, V. Excia pode possuir desde já um terreno a prestações módicas, para construir o seu lar naquelle doce recanto (...) ²³.

Pelo desenvolvimento posterior do Bairro da Prata, notamos que a propaganda foi eficaz no sentido de vender aqueles lotes de terras. Entretanto, não só tal área encontrou sua expansão por meio das vendas de terrenos. Visitemos o Bairro de São José, por meio de um anúncio do Jornal *Voz da Borborema* de 1937:

1.000 lotes de terreno para construção a venda na zona de maior expansão da cidade, propriedade da viúva e filhos de Clementino Procópio.

5º bloco – Bairro de São José. A margem da linha de ônibus do Hospital. Contíguos ao Hospital Pedro I, com frente para a Rua São José, Av. Almeida Barreto e várias outras Ruas e Avenidas recém abertas, situados num dos subúrbios mais salubres e pitorescos da cidade e próximos ao campo de aviação, do stadium da A.D.C. e do Grupo Escolar Clementino Procópio. Luz elétrica, e, proximamente, telephones, água e esgoto. Preços ao alcance de todos – A planta, organizada pelo engenheiro Civil Dr. Lourival de Andrade e já aprovada pela prefeitura se acha em exposição nos escritórios da firma Aluisio Silva & Cia, a Rua Presidente João Pessoa, nº 330 ²⁴.

Por meio deste anúncio, identificamos que o Bairro de São José já era um importante subúrbio campinense naquele período. Determinados equipamentos de conforto já faziam parte daquele espaço, como a luz elétrica, afinal, este já era o 5º Lote de terrenos comercializados. Ruas e avenidas já existiam aguardando novos moradores. Entretanto, nas duas propagandas é possível observar que se recorre à pena de um engenheiro para atestar que tais localizações eram “salubres” e se “enquadravam no que de melhor o urbanismo oferecia naquele período”.

Ressalvando a intenção de “venda de um produto”, no caso, terrenos em subúrbios, podemos compreender um pouco do processo de transformações do espaço urbano de Campina Grande em fins dos anos 1930 e início dos anos 1940, por meio das propagandas. O ideal de salubridade e moradia em locais “pitorescos” é observável na cidade que estava em um processo de expansão acentuada.

Apesar do crescimento urbano visível, equipamentos e maquinarias de conforto do mundo moderno, como o calçamento, o esgoto e a própria energia elétrica não chegavam aos subúrbios, o que fazia aumentar os reclames, não só dos cronistas, mas

²³ *Jornal de Campina*, 05/02/1933, nº 2, p. 2.

²⁴ *Jornal Voz da Borborema*, 08/09/1937, ano I, nº 16, p. 4.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

principalmente da população. Em jornais de época, como *A Voz da Borborema*, se denunciava a falta de luz, os buracos nas ruas, a velocidade dos transportes públicos, entre outros problemas da, agora, cidade “que mantêm a hegemonia do mercado algodoeiro no Norte”²⁵.

A cidade crescia no comércio e na agitação, contudo, o aspecto das ruas ainda era próximo das décadas anteriores a 1930, o que exigia das autoridades uma intervenção. Desta forma, o Decreto Municipal nº 51 de 17 de janeiro de 1935, determinou que fossem “mosaicadas” as calçadas das ruas centrais da cidade. Porém, o que foi mais importante para a mudança do aspecto urbanístico do centro foi a ordem de ser assobradadas todas as construções e reconstruções nesta parte. A efetivação do Decreto nº 51 transformou a paisagem urbanística e, por conseguinte, como observou Fabio Gutemberg de Sousa (2001), também “mexeu” com a própria elite local, que teve de migrar para outras ruas adjacentes ao centro, como a Rua João da Mata nas proximidades do Açude Velho e para o Bairro da Prata, onde os casarões passaram a se sobressair naquele “subúrbio”²⁶.

Transformar a cidade e deixá-la de acordo com os preceitos modernos foi uma empreitada levada adiante por Vergniaud Wanderley, prefeito da cidade por duas vezes entre 1935 e 1945. Entre as reportagens nos jornais dedicadas à sua administração, encontramos a matéria d’*O Rebate* de 04 de outubro de 1944, em que J. Fernandes Dantas mostra o “Panorama de uma administração modelar”. Nas suas palavras, “o martelo dos operários vai aos poucos removendo os alicerces das antigas habitações do centro da urbs. Novas avenidas e ruas são rasgadas ou alinhadas”. Como era comum à época, este cronista não deixa de se “curvar” ao Governo Municipal e saúda com entusiasmo o homem que deu forma ao “progresso urbano” da cidade.

²⁵ Sobre a energia elétrica o Jornal fez campanha contra a “má luz da Empresa Luz e Força”. No ano de 1937 há 10 reportagens que criticavam este serviço, tais como reportagens do jornal de 21/07/1937, ano I, nº1, s/p; 24/07/1937, ano I, nº 3, p. 3; Com relação à água, o jornal saúda a construção de Vaca Brava no dia 08/09/1937, ano I, nº 7, p. 3; com relação as corridas “das sopas”, na reportagem “Os ônibus desta cidade andam sem freios?”, no dia 25/09/1937, ano I, nº 21, p. 2. A referência à cidade como “líder do mercado algodoeiro do Norte” é encontrada em 08 matérias no ano de 1937, como no Jornal do dia 18/09/1937, ano I, nº 19, p. 6.

²⁶ As transformações urbanísticas de Campina Grande tiveram por peculiaridade o fato de não só incomodar populares, mas principalmente por “expulsar” as elites de seu local de “teatralização de poder”, no caso o centro da Cidade, representado pela “Rua Grande”, a Rua Maciel Pinheiro. Acerca desta questão, Ver: SOUSA, 2001.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As alterações arquitetônicas passaram a se refletir também nas transformações simbólicas. O encantamento com o progresso material tomava conta de cronistas. Eis alguns versos da peça “Campina Grande, drama em cinco atos e uma apoteose”, transcrita do Jornal *O Rebate* de 10 de julho de 1948. Nesta, o autor, A. Rodolfo, mostra uma “cena que se verifica no perímetro de uma grande cidade” (leia-se Campina Grande).

1º Ato

Cenário - uma rica praça
um comércio forte, opulento
as fábricas em movimento
dinheiro em circulação
o povo andando apressado
os automóveis correndo
caminhões estremecendo
carregados de algodão

2º Ato

Ato segundo - o cenário
Já se mostra diferente
Um formigueiro de gente
Comprando na “Nova aurora”
Uma grande multidão
Vê-se no armazém do Norte
Por ser uma casa forte
Atende com voz sonora (...)

Os atos seguintes continuam mostrando a opulência e o desenvolvimento da cidade “Rainha da Borborema”. Neste fragmento transcrito é perceptível que o autor procurava construir uma imagem majestosa, grandiosa da urbe, uma “metrópole do Norte”. Observemos os cenários e os personagens: “as fábricas em movimento”, “o povo andando apressado”, “os automóveis correndo”, “um formigueiro de gente”, “uma grande multidão...”. Com certeza, em 1948, Campina Grande possuía um comércio significativo, capitaneado pela produção do algodão, todavia, merece interrogações se o cenário das ruas e casas de comércio da cidade eram marcados por tamanha agitação.

Este é um dos exemplos que encontramos nas fontes que nos apresentam uma cidade tão pujante no comércio. Entretanto, não nos esqueçamos do “lugar social” dos autores de tais relatos nos jornais da época. Podemos compreender que jornalistas e autoridades campinenses em diversas épocas sempre descreveram uma cidade mais “ideal do que real”. Não podemos negar que trata-se de um comércio dinâmico, principalmente por ser de uma cidade interiorana que vê a sua riqueza capitaneada pelo “boom”

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

algodoeiro, contudo, toda a agitação, pressa e grandiosismo da fala do autor se esvai um pouco quando observamos a limitação física da cidade²⁷.

Passando para mais um articulista “deslumbrado”, encontramos no jornal *O Rebate*, de 1943, algumas “definições aceitáveis”, de “quem é Campina”, segundo Antônio Mangabeira. Para este, Campina “é a mais afamada cidade do interior do Nordeste, grande comércio e interessante indústria”. Também “é a cidade do trabalho e do futuro”. Campina Grande é “a metrópole do sertão de três estados”. De certa forma empolga-se em seus adjetivos com relação à cidade e arremata com esta afirmação: “Já ouvi até estas palavras: ‘Campina Grande é a cidade que está se são paulisando’²⁸”.

Este é mais um exemplo dos discursos eufóricos que determinados campinenses apresentavam na imprensa. Observe que a cidade se “apresenta possuída de uma vida intensa e progressista”, sendo condição necessária para tal panorama às demolições de casas e a própria transformação dos logradouros, para que acolha o “intensíssimo movimento de veículos”. Porém, como nos mostra Gervácio Batista Aranha²⁹, estes discursos devem ser compreendidos a partir do pensamento predominante desde o século XIX, onde letrados e autoridades concebiam que uma cidade para ser considerada “moderna” precisaria ter uma intensa vida comercial e suas ruas deveriam ser invadidas diariamente por uma multidão, que se deslocava de um lado para o outro.

Ao se aproximar do fim da primeira metade do século XX, é perceptível que Campina Grande está pujante no comércio e apresenta uma expansão da área urbana em direção aos bairros, à época, periféricos. O centro ganhava uma “roupa” nova, com construções em estilo *art-déco* e ruas esquadrihadas, tirando-se as errâncias das curvas, deixando prevalecer a avenida reta. Nos anos finais da primeira metade do século XX a urbe se mostra diferente do início do período estudado. É o momento do *boom* algodoeiro e das mudanças arquitetônicas do centro, com modificações na estrutura física e nos hábitos dos moradores, sendo visíveis as transformações urbanas e simbólicas na cidade.

Considerações Finais

²⁷ Sobre o conceito de limite físico para as experiências urbanas do Norte (Nordeste) do Brasil ver: ARANHA, 2006.

²⁸ Jornal *O Rebate*, 04 de outubro de 1943, s/a, s/e, s/p.

²⁹ ARANHA, 2006.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao longo da reflexão que empreendemos, procuramos apresentar as mudanças urbanas do fim do século XIX até a primeira metade do século XX em Campina Grande, Paraíba.

Não só o espaço físico se transformou com a passagem do tempo. As análises dos articulistas de jornais, as memórias de escritores, os reclames da população, os serviços públicos oferecidos, enfim, uma série de vivências cotidianas modificaram-se com o passar dos anos que analisamos.

Em Campina Grande há, nos anos finais da década de 1940, um desenvolvimento urbano, se não com a pressa e o burburinho das ruas de metrópoles nacionais e regionais, mas com um estilo de vida que a diferencia das demais localidades do interior paraibano. O crescimento material, as indústrias locais, a expansão territorial, a divisão social do espaço urbano, são fenômenos observáveis no cotidiano, se não na proporção decantada pela elite financeira e intelectual, mas, no passo possível para um aglomerado urbano do interior do Norte do país, com as dificuldades inerentes a esta realidade geográfica.

Referências

AGRA, Giscard Farias. **Modernidade aos goles: a produção de uma sensibilidade moderna em Campina Grande, 1904 a 1935**. Campina Grande: EDUFCEG, 2010, p. 53-122.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas (1880-1925)**. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

BRESCIANI, Stella. “História e historiografia das cidades um percurso”. IN: **Historiografia brasileira em perspectiva**. FREITAS, Marcos César (org.). São Paulo, Contexto, 1998.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande: Caravela, 1998.

CÂMARA, Epaminondas. **Os Alicerces de Campina Grande**. 3ª Edição. Campina Grande: Edições Caravela, 2006, p. 35.

FRANÇA, João Paulo. **A Cidade e as Ruas: Crônicas e memórias na Campina Grande da primeira metade do século XX**. Campina Grande: EDUFCEG, 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba**. 7ª Edição. João Pessoa: A União Editora, 2002.

MELO, Josemir Camilo de. O trem e o crescimento de Campina Grande IN: OLIVEIRA, Maria José Silva e RODRIGUES, José Edmilson (ORGS). **Memórias da modernidade campinense: 100 anos do trem – Maria Fumaça**. Campina Grande: Editora Agenda, 2007, p. 17-30.

SYLVESTRE, Josué. **Da Revolução de 30 à queda do Estado Novo – Fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1930-1945)**. Brasília: Senado Federal, 1993.

SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de. **Cartografia e imagens da cidade: Campina Grande – 1920-1945**. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, 2001.

VERSIGNASI, Alexandre. (Editor). Como fazíamos sem... Ruas? IN: **Aventuras na História**, São Paulo: Editora Abril, Edição 112, janeiro 2012.

VILLAR, Euclides. **Almanaque de Campina Grande para o ano de 1933**. Ano I, Campina Grande: Livraria Campinense, 1932.